

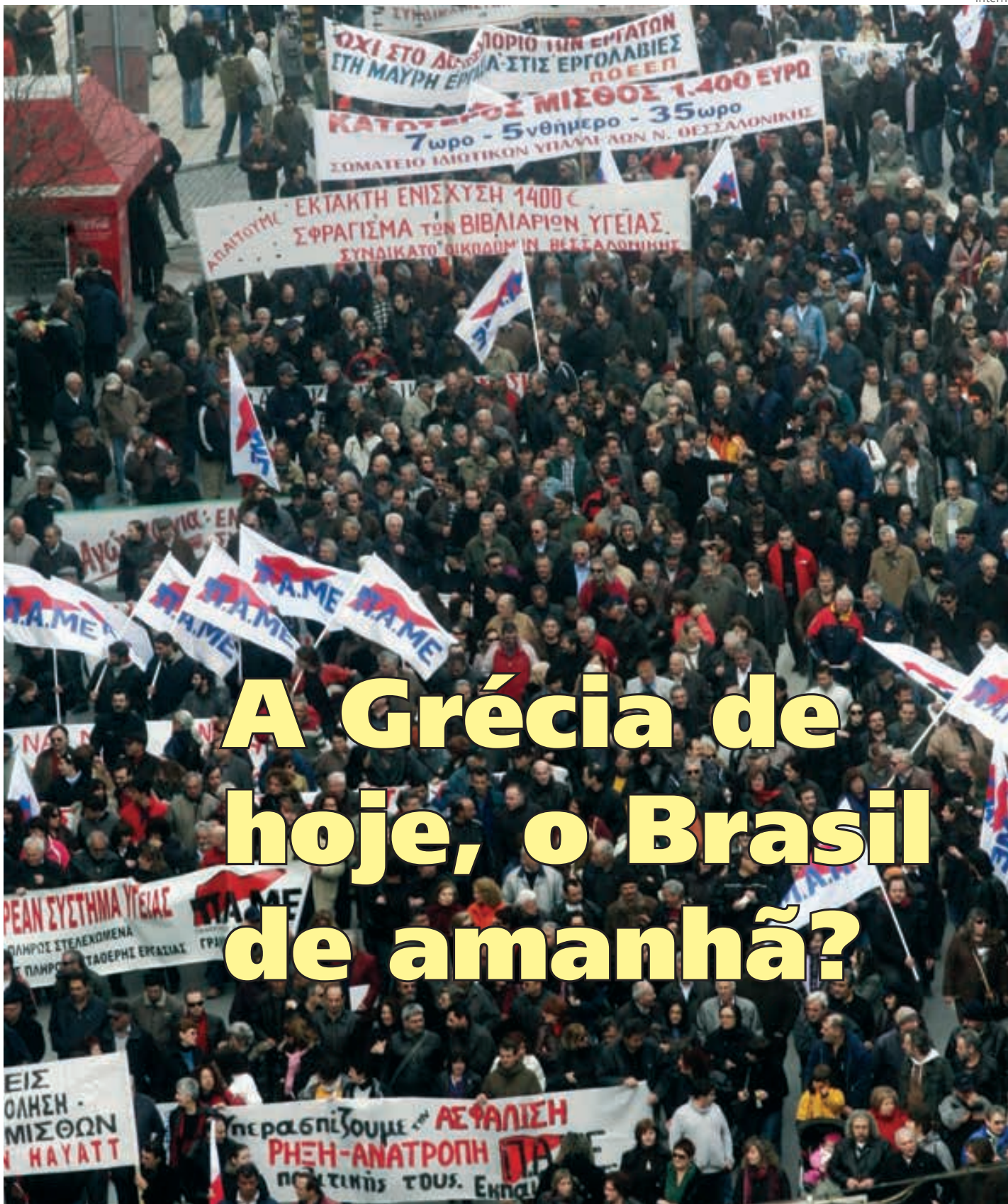
# Luta de Classes

 Pela reconstrução da 4ª Internacional

IMPRESA  
**R\$ 4,00**  
OPERÁRIA

“A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (Karl Marx)

Internet



A crise do capitalismo se agrava em todo o mundo e começa a atingir o Brasil, aqui não é uma ilha, não há blindagem. Somente a mobilização dos trabalhadores trará uma saída positiva e duradoura.

## EDITORIAL

A crise se aprofunda em todo mundo  
págs. 3

## SINDICAL

7º Congresso dos Vidreiros do Estado de São Paulo  
págs. 9, 10, 11 e 12

## CAMPANHA

Nós apoiamos a revolução grega  
pág. 20



## QUEM SOMOS E PELO QUE LUTAMOS?



A Esquerda Marxista é uma organização política que luta pelo socialismo. Somos a seção brasileira da Corrente Marxista Internacional - CMI, presente em mais de 30 países. Estamos ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racialismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em “raças”. E com a Juventude Marxista – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno; organizando a luta pelo passe-livre e por vagas para todos nas universidades públicas.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores, uma corrente que não se furta a combater a coalizão de Lula com a burguesia e a degeneração do partido, dessa forma nos ligamos aos milhares de petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

# Devolvam nossa Previdência



Capa do livro

**A** Livraria Marxista apresenta aos leitores e em especial ao movimento sindical a obra “Devolvam nossa Previdência”, redigido por Serge Goulart e Luiz Bicalho.

Neste livro, os autores fazem um relato histórico de como se deu historicamente a conquista da Seguridade Social pelos trabalhadores, uma conquista centenária, obtida por meio de anos e anos de lutas. Hoje ela vem sendo atacada em

todo mundo. No Brasil sucessivos governos, desde FHC, vêm flexibilizando as leis da previdência no sentido de possibilitar maiores lucros aos empresários.

Serge Goulart explica que: “As origens dos regimes de Seguridade Social são as Caixas Coletivas dos Operários, dos primeiros sindicatos. Elas existem, hoje, porque a classe trabalhadora lutou por sua própria preservação como classe por mais de um século e meio. A coleta feita para salvar a vida de um, para mitigar o sofrimento de uma viúva e seus filhos, para garantir a comida e o teto para aqueles que não tinham mais forças, esta é a origem da Seguridade Social.

Com os sindicatos organizados, esta ação solidária de classe

se estendeu; com os grandes partidos da classe trabalhadora ela se transformou em reivindicação social e política. E finalmente foi inscrita e ferro e fogo nas leis. A sua marca é a marca da luta da classe trabalhadora que, para se defender só pode fazê-lo coletivamente e que defendendo a própria existência defende, de fato, a existência de toda a civilização humana.”

Os sindicatos que desejarem adquirir esta importante obra podem fazer seus pedidos e, se desejarem podem também convidar os companheiros Serge ou Bicalho para realizarem palestras aos trabalhadores e dirigentes sindicais: Fone: 011.3101.8810; Site: www.livrariamarxista.com.br; http://www.marxismo.org.br/

## Campanha financeira da Esquerda Marxista

Ajude a sustentar o combate pela independência de classe



Calendário 2012

Já está nas ruas a nova Campanha Financeira da Esquerda Marxista. Trata-se de um calendário do próximo ano intitulado As Massas Entram em Cena. Cada mês do calendário tem como tema uma das grandes mobilizações do último período: a Revolução Árabe, as mobilizações na Europa, a greve geral e a ocupação do Capitólio (Assembleia Legislativa) do Estado de Wisconsin nos EUA, a revolução que prossegue na Venezuela, a luta dos estudantes chilenos por uma educação pública e gratuita para todos, entre outros temas. Em cada página do calendário há uma bela foto das mobilizações para ser apreciada, junto com uma nota explicativa.

Adquirir esse material, mais do que a compra de um lindo calendário, significa o apoio financeiro à batalha travada pela Esquerda Marxista. Entendemos que a independência financeira é a condição para a independência política, portando, nossas finanças são arrecadadas junto à classe trabalhadora e à juventude, com os nossos militantes e simpatizantes. Sua contribuição é muito importante para prosseguirmos melhor e mais fortes o combate pela construção do socialismo!

Para adquirir o calendário, procure um de nossos militantes ou compre pela internet no site da Livraria Marxista: www.livrariamarxista.com.br/.



**Boleto de Assinatura.** Deposite e envie por carta, e-mail ou entregue a um militante

Nome: \_\_\_\_\_  
 Endereço - Rua (Avenida): \_\_\_\_\_  
 Nº \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_  
 Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ Cel: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
 Agência de origem do depósito: \_\_\_\_\_ ou nº do depósito: \_\_\_\_\_

**ASSINE: LutadeClasses**

12 N°s R\$ 48,00 - 12 N°s solidário R\$ 60,00

Rua Tabatinguera, 326 cj. 11 - Centro - São Paulo/SP - CEP: 01020-000; Fone: (11) 3101-8810

Banco do Brasil; Ag: 1196-7; CC: 30759-9; Instituto Marx & Engels de Est. e Pesq. do Trab.

jornal@marxismo.org.br - home: www.marxismo.org.br

# A crise se aprofunda em todo mundo

Esquerda Marxista

*Sob o capitalismo, o potencial produtivo da sociedade é limitado por duas grandes contradições: a propriedade privada dos meios de produção e o estado nacional. Sob o socialismo, no entanto, o céu é o único limite. (Corrente Marxista Internacional)*

As ondas de choques provocadas pelos abalos originados na crise econômica mundial derrubaram os governos da Grécia e da Itália e novamente recolocam na luta revolucionária o povo egípcio que se enfrenta à contrarrevolução. Os trabalhadores e a juventude se erguem, preparando novos e formidáveis conflitos na luta de classes, onde revolução e contrarrevolução se confrontarão de maneira cada vez mais aguda, colocando mais que nunca a necessidade da construção da direção revolucionária.

A intervenção maciça dos Estados na economia, com os governos injetando fabulosas quantias de dinheiro no mercado, nos bancos, com créditos e mais créditos, com fabulosos “planos de crescimento e de retomada da produção” que, endividando os países, funcionam como um verdadeiro bombardeio de napalm sobre os sonhados brotos verdes de um novo florescer da economia que, cambaleando avançada na direção de graves catástrofes. Tudo se choca com os limites impostos pelos Estados Nacionais e com a anarquia que impõem e aprofundam a humanidade na direção de profundas recessões.

O tamanho do endividamento dos Estados é de tal envergadura que estes não conseguem mais honrar seus compromissos diante dos empréstimos necessários para alavancar a economia. A burguesia está em pânico diante da possibilidade de uma quebra generalizada

que pode ser desencadeada pela combinação das quebras na Islândia, Grécia, Portugal e Itália, que, mais adiante, certamente arrastarão ao fundo do poço a Alemanha, França, EUA, Inglaterra.

Os efeitos desta catástrofe inevitável serão sentidos, e já estão afetando a economia brasileira que tem sua sustentação na bolha de crédito e na entrada massiva de capital internacional para compras, fusão e implantação de novas empresas (o que aprofunda a dominação imperialista sobre o Brasil), além da farta distribuição de dinheiro público via BNDES, e também pelo PAC que transformará o

ritmo das privatizações e ao mesmo tempo prepara a cama de gato das Comissões Tripartites que, reúnem governo, patrões e sindicatos na busca de soluções para salvar o capitalismo da crise e facilitar a vida dos grandes empresários e banqueiros.

Guido Mantega chama os empresários para discutirem a gravidade da crise. Mas a locomotiva segue montanha abaixo sem que o maquinista saiba onde está o freio e a próxima curva.

A China que segue crescendo em ritmo mais lento, encolherá suas compras de produtos manufaturados e ferro do Brasil. Isso leva-



Trabalhadores marcham nas ruas de Atenas

país em uma plataforma de exportação baseada nos agronegócios e na produção de matérias primas manufaturadas. Tudo está elevando o endividamento interno a níveis perigosos, empurrando o governo a anunciar novas medidas de ajuda aos empresários, desonerando a folha de pagamentos, precipitando uma gritaria contra aumentos salariais nas empresas estatais e pedidos ao setor privado para que faça o mesmo. O governo acelera o

rá a uma brusca freada na economia, levando a diminuir o consumo e a aumentar o déficit na balança comercial. Com a crescente pressão contra os aumentos salariais, e a impossibilidade de continuar indefinidamente os investimentos com endividamento do Estado, haverá uma forte retração do consumo, os capitais migrarão mais e mais para a especulação e isso desacelerará fortemente o setor produtivo.

O imperialismo pouco se importava se a Grécia fosse à falência, desde que ela pagasse o preço e as contas de endividamento, agora, que a doença ameaça contaminar as economias mais robustas, busca adotar medidas de contenção quando a água já transbordou o dique esburacado da economia. A Grécia, apesar de todas as medidas adotadas contra o povo grego, segue la-deira abaixo. O contágio de todos os países apavora os mercados, os capitalistas pressionam mais e mais para que os dirigentes da classe operária façam o que a burguesia não conseguiu fazer até o fim: esmagar as conquistas e destruir as organizações da classe para salvar o capital.

Nesta situação que ameaça toda a economia mundial, dadas as particularidades da economia no Brasil e as ações do governo que empurraram, até o momento, a crise para mais adiante, quando a crise novamente aqui bater provocará efeitos devastadores e mais profundos que os da Grécia e todas as operações de salvamento terão como alvo esmagar, tal qual na Grécia, as conquistas dos trabalhadores.

Se o governo Dilma e o PT não rompem com suas políticas de colaboração de classes, rompendo com os partidos da burguesia, o Brasil do futuro poderá ser a Grécia de hoje.

A Esquerda Marxista prepara seus militantes para que possamos estar lado a lado com aqueles que se colocarem na via da ruptura com a burguesia e com o imperialismo. Mas a primeira condição para que avancemos nessa via é a do fortalecimento de nossas trincheiras, fazendo avançar nosso combate no PT, na CUT e na juventude, fazendo de nossa corrente um seguro ponto de apoio para ajudar milhares na lutas que estão por vir, na via do socialismo.

# EM no 4º Congresso Nacional do PT

Fotos: José Carlos Miranda



Lula fala na abertura do IV Congresso



Serge Goulart dirigente da EM e membro da DN PT



Miranda, pré candidato a prefeito de Caieiras



Mariano: pré-candidato da EM a prefeito de Joinville



Vereador Roque, candidato à reeleição em Bauru

**A Esquerda Marxista esteve presente no 4º Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores, que ocorreu de 2 a 4 de setembro, em Brasília, com a chapa "Virar à esquerda! Reatar com o socialismo".**

No Congresso os marxistas apresentaram sua análise de conjuntura e argumentaram contra a manutenção da política de alianças com os partidos da burguesia. Explicaram que a prioridade da maioria da direção deixou de ser ideológica e programática e passou a ser de susten-

tação de um projeto de colaboração de classes, que supostamente daria governabilidade ao governo Dilma.

A direção majoritária, indo até o fim na linha que nega as origens históricas da construção do PT, equivocadamente acabou por deixar o caminho aberto para mais adiante realizar aliança, inclusive com o prefeito da cidade de São Paulo, do PSD. (Kassab está sendo investigado por fraude bilionária. No dia 24 de novembro o Ministério Público do Estado de São Paulo, pediu o afastamento seu afastamento do cargo. O valor da causa dada pelos promotores é de R\$ 1, 05 bilhão. A ação pede ainda a suspensão ime-

diata da inspeção veicular, a devolução dos valores, além de indenização por danos morais aos donos dos veículos. Agência OESP, 25 de novembro.)

No Congresso, a maioria da direção argumentou que o PSD de Kassab ainda não era um partido e com isso impediu o desenvolvimento do debate. Logicamente deve ter se recordado da funesta experiência pela qual passou quando no Encontro das Macro Regiões do PT de São Paulo, realizado em 18 de junho na cidade de Sumaré, os defensores da aliança com o PSD foram duramente combatidos por centenas de delegados e tiveram que manobrar,

acabando por adiar essa discussão.

Além destas questões o Congresso aprovou a paridade de gêneros, cotas raciais, cota geracional, onde 20% dos cargos nas direções do partido devem preenchidos por pessoas menores de 30 anos. Evidentemente que isso apaga qualquer traço de organização baseada na luta de classes e vai além, pois as direções das instâncias passam a ser composta não mais em bases políticas, mas sim pelo fato de ser jovem ou adulto, negro ou branco, homem ou mulher.

Contra isso, os marxistas seguem firmes na luta para o PT girar à esquerda e reatar com o socialismo!

# A ética do prefeito Carlito Merss em Joinville

Esquerda Marxista de Joinville

**M**ais de uma dezena de membros do primeiro escalão de governo do prefeito Carlito Merss de Joinville (SC) propôs junto ao Diretório Municipal e depois ao Diretório Estadual do PT uma representação pedindo a expulsão do vereador Adilson Mariano do partido.

Segundo os secretários municipais que subscrevem o pedido, a mando do prefeito, o vereador Adilson Mariano teria cometido infidelidade partidária, acusação em que não apresentam qualquer comprovação nem indícios.

O que ocorre de fato é que o prefeito Carlito Merss e o grupo de que se rodeia para governar, não admitem as posições do vereador, externada na Câmara de Vereadores de Joinville e nas ruas, norteadas pela história do PT, pelos seus princípios e pelo socialismo.

Um governo do PT não fará o socialismo na cidade, isto é verdade, mas é verdade também que poderia dar um belo exemplo do futuro que queremos com a construção de feramentas e dispositivos populares de decisão sobre as necessidades de

Joinville, de forma especial no que diz respeito aos setores da educação, saúde, transporte público e sistema viário, por exemplo.

Ao invés disso o governo Carlito Merss tem realizado uma administração continuísta. Segue os mesmos passos de todos aqueles que lhe antecederam, representantes dos velhos partidos dos poderosos locais.

Por estas razões é que o nível de rejeição de sua administração, segundo as últimas pesquisas de opinião, tem batido na casa dos 70%, o

que é negativamente histórico para Joinville e região.

A representação enviada à comissão de ética do PT de Santa Catarina, por isso mesmo, não tem o menor sentido político e vai na contra-mão de todo o debate democrático que deveria ser instalado a respeito da administração petista da maior cidade do estado, sempre sugerido pelo vereador Adilson Mariano, que espera seja arquivado o pedido feito por Carlito Merss e parte de sua equipe de governo.

## EM lança Mariano às prévias para prefeito

Internet

**A** Esquerda Marxista lançou o manifesto da candidatura do vereador Adilson Mariano às prévias do Partido dos Trabalhadores (PT) para prefeito de Joinville, em Santa Catarina. No dia 12 de novembro, cerca de 100 petistas participaram de uma atividade na Câmara de Vereadores e compuseram equipes de mobilização.

O atual prefeito Carlito Merss (PT) foi eleito em 2008 para mudar a política e as prioridades da cidade, mas optou em compartilhar o poder com os mesmos partidos que sempre governaram o município e haviam sido rejeitados nas urnas. Tal opção o levou a tomar medidas que contrariam a história e o programa do Partido dos Trabalhadores, alcançando 70% de rejeição nas últimas pesquisas.

Com o lançamento de Mariano às prévias, sob a base de um programa de governo capaz de atender às necessidades da maioria da população, a EM propõe resgatar a auto-estima da militância petista, hoje desanimada. Para isso, o partido precisa voltar a se apresentar como socialista; retomar documentos como o



Mariano dialoga com moradores de Joinville

Manifesto de Fundação e a Carta de Princípios, e bandeiras como a manutenção dos serviços públicos, contra as privatizações e o respeito à democracia interna do partido.

Uma prefeitura com o governo genuinamente petista deve tratar a

saúde, educação, transporte público e outros serviços públicos como prioridade, pois deles dependem a maior parte da população trabalhadora. Para conseguir realizar tal governo, contra toda resistência da burguesia, é preciso apoiar-se nas

organizações dos trabalhadores e na mobilização popular.

No próximo período serão realizadas reuniões com filiados e simpatizantes do PT em toda a cidade em busca de apoio para a realização e vitória das prévias.

# Fora PM da USP!

Esquerda Marxista

DCEUSP



Ato Público exige retirada das tropas do Campus

**A Polícia Militar (PM) na Universidade de São Paulo (USP) serve para fazer o que ela faz em qualquer lugar: reprimir. Associar a presença da polícia militar à segurança é um grande erro.**

A existência da PM está associada à defesa da ordem e da propriedade privada, que é contrária a qualquer manifestação ou luta dos trabalhadores e jovens. No caso da USP, o convênio da Reitoria com a PM vem no bojo do projeto de priva-

tização da universidade pública. Afinal, quando as fundações privadas e parcerias público-privadas entram na universidade pública, é preciso que a polícia se faça presente para defender os interesses delas e para reprimir o movimento estudantil e sindical dentro da Cidade Universitária.

É muito raro vermos a prisão de grandes empresários corruptos em nossa sociedade. São julgados, ameaçados e nunca presos. Porque a polícia nada mais é do que o braço armado do Estado, que por sua vez é o comitê de gerência dos negócios da classe dominante. Por isso, a polícia

raramente age contra os membros da classe dominante. Já quando se trata de reprimir movimentos sociais, sua ação é “exemplar”. Onde houver manifestações de trabalhadores ou estudantes a polícia estará presente. Usando de todo o seu poderio - cavalaria, tropa de choque e até helicóptero - para prender aqueles que eles chamam de “baderneiros”.

Toda a campanha contra os estudantes e funcionários da universidade tem por objetivo criminalizar os movimentos contrários à política do atual reitor, João Grandino Rodas. Defensor da privatização da univer-

sidade e defensor do ensino privado.

Foram usados 400 policiais na operação que desalojou os estudantes que ocupavam a reitoria no dia 8 de novembro. As drogas são uma verdadeira cortina de fumaça, usada pelos meios de comunicação burgueses.

Os membros da imprensa comprometida com o Capital tentam associar o tráfico de drogas ao movimento da USP, para assim justificar que o mesmo tratamento dado aos traficantes seja dado ao movimento estudantil.

É inaceitável que a PM continue no campus da USP de São Paulo. O convênio assinado entre a Reitoria e a PM deve ser anulado. Nenhum professor da USP que defenda a democracia deveria ministrar uma aula sequer até que a PM se retire completamente do Campus.

A Juventude Marxista apóia integralmente a greve dos estudantes e funcionários da USP. As entidades estudantis de todo o país não podem se omitir do apoio aos estudantes e trabalhadores da USP. Tem sido comum nos últimos tempos a criminalização dos movimentos sociais, como também, imposição dos meios de comunicação para que a PM, entre nas universidades e escolas e utilize a repressão para dar “segurança”.

A Juventude Marxista repudia a presença da PM na Universidade de São Paulo e dá seu total apoio aos estudantes e trabalhadores que lutam contra a política reacionária do reitor e do governador.

- **Fora a polícia** do campus da USP!
- **Todo apoio à greve** dos estudantes!
- Pela **imediata revogação** do convênio entre PM e Reitoria da USP!
- **Nenhuma punição** aos estudantes!



# Uma perspectiva para o movimento de greve da USP

Juventude Marxista da USP

**D**o norte da África aos EUA, passando por toda a Europa, o mundo vem conhecendo nos últimos 12 meses mobilizações de massas sem precedentes. Desde a derrubada dos ditadores na Tunísia e no Egito, que levou ao incêndio social em todos os países árabes, até a ocupação da Assembléia Legislativa de Wisconsin nos EUA e agora o movimento Occupy Wall Street que se espalha por todo o território da nação mais rica do mundo, passando pelas dezenas de greves gerais de 24 ou 48 horas na Grécia e outras na França e Itália, além das manifestações gigantescas na Espanha, Inglaterra, realizou-se no dia 24 outra greve geral em Portugal. Uma clara mensagem vem sendo construída pelos povos: **não aceitamos mais que a maioria da riqueza produzida por nós fique nas mãos de uma minoria.**

A crise econômica que arrasa a Europa e EUA ainda não atingiu o seu ápice e não mostrou toda a sua força na América Latina, muito menos no Brasil. Mas isso vai mudar.

Historicamente a juventude tem demonstrado ser uma espécie de termômetro da luta de classes, expressando sua insatisfação, mesmo que de maneira confusa e desorganizada, antes dos batalhões da classe trabalhadora, capazes de fato de mudar a ordem das coisas. E isso se faz mais verdadeiro nas últimas décadas em que na maioria dos países a classe trabalhadora tem sido controlada por dirigentes conciliadores e reformistas que ainda gozam de muita confiança entre os

trabalhadores. Mas isso também não pode durar pra sempre. A classe trabalhadora mundial carece de uma direção revolucionária. É só isso o que falta para pôr fim ao sistema que afoga em guerras, miséria e sofrimento bilhões de seres humanos em todo o planeta.

Mesmo assim, os povos seguem seu movimento. Elegem aqui e acolá governos “de esquerda” nos quais depositam suas fichas e fazem suas experiências. Na América Latina e na Europa (e mesmo nos EUA com as ilusões em Obama) isso ficou bastante evidente. Mas o movimento das massas nos últimos meses mostra que a maré está mudando. Os estudantes no Chile dão exemplo disso.

Na USP, o que está acontecendo é justamente a expressão deste movimento geral, só que adaptado às circunstâncias específicas da comunidade universitária. O processo de privatização e a conseqüente militarização da USP são expressão do movimento mais geral do Capital Financeiro Internacional que precisa destruir forças produtivas, aumentar a exploração do trabalho em escala mundial e reprimir ao máximo os movimentos de resistência dos povos para poder superar a crise econômica atual e experimentar novo ciclo de crescimento capitalista – somente para depois afundar em nova crise.

É preciso que o movimento estudantil da USP tenha claro quais forças se movem por trás dos acontecimentos recentes. Helicópteros e forças táticas especiais não são usados para prender meia dúzia de usuários de maconha ou mesmo para efetuar reintegração de posse de um prédio público ocupado por

algumas dezenas de estudantes – muito menos para fazer a segurança de um campus universitário. O que está em questão é quem manda na universidade: o público ou o privado.

Rodas - o reitor derrotado nas eleições e mesmo assim empossado pelo governador - e as tropas militares sob seu comando representam claramente os interesses privados dentro da universidade e querem estabelecer sua hegemonia à força. O movimento estudantil e o movimento sindical dos funcionários e professores devem se constituir na ponta de lança dos interesses públicos no interior da universidade. Nesse sentido é preciso que o movimento avance e supere a noção de público como aquilo que é de propriedade coletiva, mas controlado por cargos estatais que nada mais são do que agentes do capital travestidos de funcionários públicos – afinal o que é o Rodas?

É preciso avançar para o conceito de **“Universidade Pública sob o controle dos professores, funcionários e estudantes”**. Para tal urge uma estatuinte soberana construída de tal forma a fazer o mais amplo debate em toda a universidade. Entretanto, para isso a tarefa imediata é expulsar a PM do Campus. Não é possível realizar uma estatuinte democrática numa universidade ocupada militarmente, onde a polícia a mando do reitor age como repressor social e ideológico.

Mas a revogação do convênio firmado pelo reitor com a PM e a retirada definitiva das tropas só será alcançada com o fortalecimento e aprofundamento da greve. E isso só se dará à medida em que os profes-

sos aderirem à greve. A postura da Adusp até agora é inaceitável. Nenhum professor da USP que defenda os preceitos básicos da democracia deveria aceitar ministrar uma aula sequer enquanto o campus estiver sob o controle da PM! A Adusp deveria assumir seu papel de entidade de classe e conclamar todos os professores à greve imediata por tempo indeterminado. Enquanto isso não ocorre, nós, estudantes, devemos nos dirigir – através das entidades estudantis e do comando de greve eleito – aos professores e à Adusp propondo a greve insistentemente. Um excelente ponto de apoio é a declaração assinada por alguns professores da FFLCH e da ECA que publicamos aqui em nosso panfleto (leia aqui). É com o espírito de indignação desses professores que temos que chegar ao conjunto dos docentes da USP.

Com uma greve de estudantes, funcionários e professores não há dúvidas de que nem o Rodas e nem a PM se sustentam na universidade. Já em paralelo devemos formar comitês pró-estatuinte a partir dos comandos de greve, que distribuam cópias do atual estatuto da USP e organizem debates sobre que universidade queremos. Colocar tudo em questão é que abrirá a saída para o nosso movimento que já é a maioria dentro da universidade. Os estudantes que, ameaçados pelo calendário de provas e trabalhos ainda não aderiram à greve, poderão ser convencidos à medida que a greve se fortalecer e as comissões estudantis de greve conseguirem os acordos com professores simpáticos ao movimento. Nenhuma aula até que a Polícia Militar saia do Campus! Venceremos!



# Vitória na Colômbia: Estudantes tomam as ruas e impedem contra-reforma da educação

Flavio de Almeida Reis  
reis.geografia@gmail.com

**E**studantes colombianos encerraram no dia 16 de novembro uma grandiosa greve nacional de um mês de duração. Através da Mesa Ampla Nacional Estudantil (MANE) organizou-se o combate ao Projeto de Lei 112/11 do Presidente Juan Manuel Santos. Este artigo analisa a vitoriosa luta e aponta as lições para nossa atividade política.

Os colombianos rejeitaram o projeto sob o argumento da privatização da educação pública. Com ele, havia o perigo de rebaixar ainda mais a qualidade do ensino. E além disso, as condições de trabalho e salário dos funcionários do setor eram preocupantes. A juventude colombiana teve sucesso porque conseguiu materializar sua insatisfação em torno de um espírito coletivo e ampla unidade. A MANE soube fazer com que a luta não se limitasse como uma reivindicação particular da comunidade universitária, por isso suas bandeiras ganharam a escala de uma luta geral de todo o povo colombiano.

## AMÉRICA LATINA: "A EDUCAÇÃO NÃO SE VENDE, SE DEFENDE!"

Na greve dos estudantes colombianos foram realizadas centenas de assembléias estudantis, audiências públicas, piquetes, passeatas, ocupações, etc. Principalmente na capital Bogotá, que teve sua rotina bloqueada durante semanas. Incluindo uma imensa manifestação com quase 60 mil ativistas na Plaza de Bolívar que parou a metrópole nacional. Foi um processo incentivado e com muita semelhança ao que ainda se desenvolve no Chile. Até a motivação para as mobilizações são as mesmas: rejeitar a contra-reforma na Educação Superior. Foi com toda essa força que a MANE conseguiu colocar o Presidente Juan Santos e o Congresso Colombiano contra a parede. Forçaram os governantes a recuar e arquivar seu projeto privatizante. Uma grande vitória!

A consciência política da juventude colombiana é destacada também pelo fato de que mesmo após a vitoriosa jornada, eles não afrouxaram com a luta. A greve estudantil foi suspensa, mas

continuaram atividades e mobilizações por reformas na educação alinhadas aos interesses da nação colombiana. A greve foi capaz de rejeitar a reforma privatizante do ensino superior, mas a MANE afirma que os protestos de rua continuarão até que seja aprovado um novo projeto que contemple as reivindicações estudantis.

Estas são as demandas do programa mínimo estudantil na Colômbia: Liberdade de manifestação e direito à livre organização política; Responsabilização do Estado para com o financiamento da educação e fim dos cortes orçamentários; Retirada das forças policiais e os esquadrões anti-distúrbios dos campi universitários; Liberdade para os estudantes presos durante a greve.

## JORNADA CONTINENTAL EM DEFESA DA EDUCAÇÃO

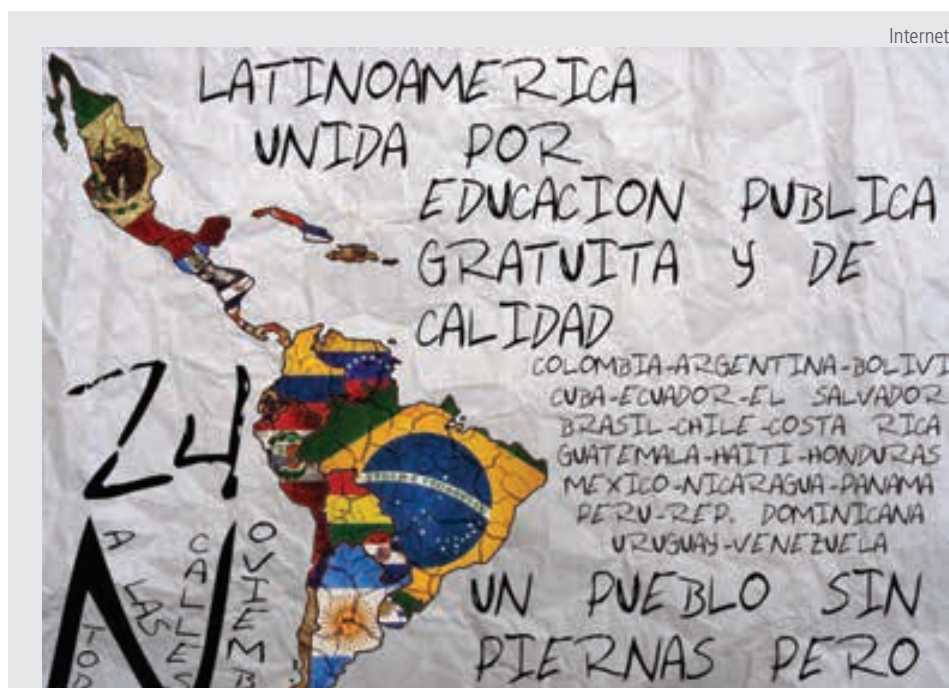
As entidades estudantis nacionais da Colômbia (MANE) e do Chile (Confederação dos Estudantes do Chile - CONFECH) – que está em processo de mobilização há meses – convocaram uma “jornada continental de luta ao

direito à educação” que se realizará no dia 24 de novembro. Essa manifestação continental é um magnífico exemplo de unidade para os jovens de todos os países que se levantam contra os seus governos e contra o capitalismo.

## AS LIÇÕES DA LUTA

Esse combate é mais um exemplo que revela a maturidade política em ascensão na juventude em todo o mundo. As tradicionais entidades estudantis e da classe trabalhadora devem estar dispostas a lutar contra os planos econômicos impostos por governos e empresas que querem debitar na conta do povo a crise do capitalismo. O exemplo da juventude da Colômbia demonstra que é sempre possível construir uma jornada vitoriosa quando se tem clareza do que se luta, com um programa político nas mãos, e através de campanhas de massas que unem os trabalhadores contra o capital.

\* Flavio é por graduando em geografia e militante da JM



Em defesa da educação pública e gratuita



Massiva Assembleia na Universidade de Cauca

# 7º Congresso do Sindicato dos Trabalhadores Vidreiros no Estado de São Paulo

O 7º Congresso dos Vidreiros realizado no final de outubro deste ano na Praia Grande adotou uma resolução que exprime a necessidade dos trabalhadores defenderem, em todos os níveis organizativos, sindical e politicamente, a sua independência de classes, a começar pelos sindicatos e pela CUT. O Jornal Luta de Classes publica netas edição os principais trechos das resoluções adotadas, por entender que as mesmas servem como exemplo ao conjunto dos trabalhadores e seus sindicatos, para, na defesa da CUT e da necessária unidade da classe trabalhadora, erguerem-se enquanto classe para enfrentarem a crise e abrir o caminho para a construção do socialismo.

## DEFENDE OS DIREITOS, AVANÇAR NAS CONQUISTAS, NA LUTA PELO SOCIALISMO

(...)

Nosso balanço desse período é positivo e com muitos desafios pela frente. Estamos seguros de que a melhor maneira de enfrentá-los é dando continuidade e aprofundando a luta dos trabalhadores, acreditando na força da classe trabalhadora – a classe que produz toda a riqueza do país.

Saudamos também a resistência e a capacidade de mobilização dos trabalhadores dos Correios, bancários e dos professores que enfrentaram a truculência de governadores como os de Minas Gerais e Ceará e que continuaram mobilizados contra a destruição da educação e pela aplicação de 10% do Orçamento Federal para Educação.

Saudamos as centenas de greves que ocorreram no Brasil e no mundo trazendo um novo alento à luta de classes. Saudamos, em especial, a chamada Primavera dos Povos Árabes, a abertura de uma situação revolucionária que derrubou os tiranos do Egito e Tunísia. Na Líbia e na Síria o imperia-

lismo intervém no sentido de esmagar a ascensão das massas e desta forma preservar os seus interesses.

Saudamos o movimento “Ocupa Wall Street”, que mobiliza milhares de jovens e trabalhadores nos EUA. Fazemos ecoar a palavra de ordem “Os patrões que paguem a crise”.

Saudamos este vento revolucionário que anima os trabalhadores brasileiros e prepara um novo período da luta de classes.

O objetivo desta tese ao 7º Congresso dos Vidreiros é fornecer uma análise para enfrentarmos esta conjuntura, levantar uma plataforma de luta que atenda os interesses imediatos e históricos de nossa categoria, contribuindo com a luta dos trabalhadores no Brasil e no mundo, contra a opressão e a exploração.

Abraço de luta a todas as companheiras e a todos os companheiros. Um ótimo Congresso e que terminemos este com mais disposição e ânimo para prosseguir na luta contra o capitalismo.

## Direção Colegiada do Sindicato

São Paulo, 21 e 22 de outubro de 2011, Colônia de Férias dos Vidreiros – Praia Grande - SP

## INTRODUÇÃO

“...os sindicatos atualmente não podem ser simplesmente os órgãos da democracia como na época do capitalismo concorrencial e já não podem ser politicamente neutros, ou seja, limitar-se às necessidades cotidianas da classe operária. Já não podem ser anarquistas, quer dizer, já não podem ignorar a influência decisiva do estado na vida dos povos e das classes. Já não podem ser reformistas, porque as condições objetivas não dão espaço a nenhuma reforma séria e duradoura. Os sindicatos de nosso tempo podem

ou servir como ferramentas secundárias do capitalismo imperialista para subordinar e disciplinar os operários e para impedir a revolução ou, ao contrário, transformar-se nas ferramentas do movimento revolucionário do proletariado”. Os sindicatos na época de decadência imperialistas, escrito por Leon Trotsky.

Quando realizamos o 7º Congresso dos Vidreiros de São Paulo, a Tese aprovada então afirmava que ele “se realizava em uma conjuntura desafiadora para o sindicalismo classista” e em uma conjuntura “marcada pela mais séria crise do sistema capitalista internacional desde a Grande Depressão deflagrada em 1929 nos EUA”.

Ao realizarmos o 7º Congresso, passados dois anos da realização do VI Congresso, devemos responder à questão de se a crise continua ou não existindo. Se a resposta for afirmativa, como ela afeta diretamente o Brasil? A partir daí, é preciso extrair as linhas gerais e principais para uma correta estratégia da luta sindical e política, para fortalecer nosso Sindicato e a Central Única dos Trabalhadores, para a qual continuamos e continuaremos reivindicando que seja um instrumento de luta pelo socialismo e ao mesmo tempo uma entidade independente em relação ao Estado, aos governos e aos patrões.

>> Continua na próxima página...

Sindicato Vidreiros



Aplausos aprovam Plano de Lutas

Sindicato Vidreiros



Vidreiros aprovam Regimento Interno

## Conjuntura Internacional

### **A CRISE, SEM A AÇÃO CONSCIENTE DOS TRABALHADORES, ARRASTARÁ A HUMANIDADE PARA O ABISMO**

(...)

O centro da crise está nos EUA e Europa, onde continua se aprofundando e terá um forte impacto nos países dependentes como China, Brasil e outros. A recessão europeia e norte-americana provoca uma retração da exportação e produção na China e por extensão na exportação de *commodities* (matérias primas) brasileiras e argentinas. Isto significa que também a venda de manufaturados brasileiros para a Argentina sofrerá um forte impacto. Uma situação convulsiva varre o mundo e ninguém está isolado dela. Nem mesmo o Brasil está “blindado” desta situação.

O capitalismo, em sua época imperialista, entrou pelos poros das economias de todos os países e quando ocorre uma avalanche em um país – ou o que é bem mais grave, quando a avalanche ocorre no centro do império – certamente as suas consequências serão diretamente sentidas por todos, em maior ou menor grau, mais lentas ou mais rapidamente, pois as economias

estão entrelaçadas e subordinadas ao capital internacional.

O Grande Filósofo e pensador Karl Marx explicava a internacionalização do capitalismo da seguinte forma no Manifesto Comunista:

*“Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte...”*

*...Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela retirou da indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, indústrias que não empregam mais matérias primas nacionais, mais sim matérias primas vindas das regiões mais distantes, cujos produtos se consomem não somente no próprio país mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades que reclamam para sua satisfação os produtos das re-*

*giões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material quanto à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal...*

*...Sob pena de morte, ela obriga todas as nações a adotarem o modo*

“

**...Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países**

*burguês de produção, constrange-as a abraçar o que ela chama civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Em uma palavra, cria um mundo a sua imagem e semelhança.”*

Os trilhões de dólares que os governos dos EUA e Europeus injetaram na fragilizada economia mundial não conseguiram deter a crise. Aqui e ali conseguiram um fôlego a mais. Mas, mais adiante, um país após o outro explode: Grécia, Portugal, Espanha e Itália, e depois novamente a Grécia. Greves gerais de massa foram as respostas dadas pelos trabalhadores. Mas eles, além de enfrentarem e se defenderem dos ataques dos governos, necessitam avançar na direção da construção de suas organizações revolucionárias e pôr abaixo os governos imperialistas.

(...)

A Resolução do 7º Congresso dos Vidreiros dizia: *“O sistema capitalista se transformou num enorme freio para o progresso da humanidade. O ressurgimento desta crise orgânica tem implicações enormes para a classe trabalhadora: um sistema sócio-econômico que demonstra ser incapaz de desenvolver as forças produtivas. Este período em que vivemos pode empurrar os trabalhadores a buscar uma saída para a crise e poderá colocar a construção da sociedade socialista na ordem do dia, como a única resposta positiva do ponto de vista dos trabalhadores e dos oprimidos contra a crise capitalista e os males que a acompanha.”*

Nesse quadro, mais do que nunca, é necessário construir a máxima unidade dos trabalhadores em escala mundial, sob a base da posição antiimperialista e da independência de classes, não apenas no terreno sindical, mas também no terreno político.

A burguesia tem suas instituições internacionais para coordenar seus planos de ganância e de destruição em escala mundial. A classe trabalhadora deve buscar a via da sua organização mundial. Nesse sentido a solidariedade com as revoluções dos povos árabes, contra a intervenção imperialista na-

>> Continua na próxima página...

quela região, e de imediato na Líbia, e em qualquer parte do mundo, é tarefa fundamental de todas as entidades dos trabalhadores.

Na América Latina, assistimos recentemente o formidável levante dos trabalhadores e jovens chilenos. Os trabalhadores continuam avançando na Bolívia, Equador, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela. Mesmo em Honduras, onde as massas sofreram um duro golpe com a deposição de Zelaya, articulado com o apoio do EUA, os trabalhadores seguem adiante e se reorganizam.

Mas a revolução encontra-se em perigo na Venezuela. A direita, apoiada pela burguesia norte-americana, continua crescendo. As oscilações e vacilações de Chávez, com a sua recusa em pôr fim à burocracia e de uma vez por todas romper com o regime da grande propriedade privada dos grandes meios de produção, coloca a revolução em perigo. Mas as massas venezuelanas continuam na luta e avançam nas estatizações e no controle operário. Mesmo cansadas e esgotadas por anos de lutas, deram passos na direção do fortalecimento da UNETE (União Nacional dos Trabalhadores), mas ainda devem se livrar dos burocratas no PSUV e dar o golpe de misericórdia no capitalismo.

(...)

### Conjuntura Nacional

(...)

### **A DÍVIDA EXTERNA E A INTERNA CRESCERAM, EMPOBRECERAM O PAÍS E ENGORDARAM OS MAGNATAS**

Em maio de 2011 a Dívida Externa brasileira total era de U\$ 389.438.623.098,14 (389 bilhões, 438 milhões, 623 Mil, 98 dólares e 14 centavos). Os empresários e os governos, desde a época da ditadura, vêm aprofundando o endividamento. O governo Lula, apesar de pagar parte do que supostamente o país devia ao FMI, não conseguiu frear a sangria que o impe-

rialismo impõe, principalmente por meio dos juros exorbitantes que cobra. O crescimento desta dívida mostra que sua evolução mortal continua alimentando banqueiros, multinacionais e especuladores. Veja abaixo ao quadro que inicia em plena Ditadura Militar (1971), passa por Sarney (1985), Collor (1990), Itamar (1992-1995), FHC (1995-2003) e Lula (2003-2010), onde, aliás, a Dívida dá um salto, pois os juros impostos e cobrados pelo FMI e grandes instituições financeiras internacionais foram elevados de forma brutal, sangrando a economia nacional.

(...)

...a dívida interna praticamente não existia em 1994. FHC passa ao governo Lula em 2003 uma dívida interna de quase R\$ 1 trilhão. A “criação” desta

desse, em todos os países se inicia um movimento de “internalização” da Dívida Externa.

O resultado é assim: eles não perdiam em poder de compra e mais, passavam a se beneficiar dos juros absurdos que os governos deviam pagar para atrair cada vez mais capitais internacionais para suas aventuras internas, como a expansão artificial do crédito e a continuidade do pagamento das Dívidas. Assim, transformaram grande parte da Dívida Externa em Dívida Interna monstruosa.

A Dívida Interna se multiplicou durante este período até chegar à espantosa soma de R\$ 2.382.416.094.578,25 (2 trilhões, 382 bilhões, 416 milhões, 94 mil, 578 reais e 25 centavos), em valores de maio de 2011, conforme fontes

3,9%, 2,89% para a Educação, enquanto que para os banqueiros credores das dívidas (sejam eles estrangeiros ou não) segue a fabulosa quantia de 635 bilhões de reais.

(...)

### Conjuntura Estadual

(...) Na década de 90, S. Paulo mergulhou profundamente na onda neoliberal, capitaneada por Fernando Henrique Cardoso no plano nacional e por Covas-Alckmin no plano estadual. Após a eleição do presidente Lula, em 2002, os governos de Alckmin e de Serra não só insistiram na continuação da política de destruição dos serviços públicos, criminalizando os movimentos sociais, tratando-os como caso de polícia com

Sindicato Vidreiros



Companheiro Miranda apresenta a análise de conjuntura da EM

Dívida Interna decorre diretamente da iniciativa dos EUA de iniciar uma guerra comercial internacional sem quartel por meio de uma política de desvalorização do dólar. Assim, a Dívida Externa brasileira passava a ser desvalorizada também. Ou seja, com a mesma quantia de Reais se pagava muito mais da Dívida que é em dólar. Desta forma, para que o mercado financeiro não per-

oficiais do Banco Central (Ver quadro abaixo).

(...)

Quase 45 % do Orçamento são destinados ao pagamento dos juros, amortizações e refinanciamento da dívida. Isso sem dúvida gera graves efeitos na vida cotidiana dos trabalhadores e da população mais carente. Do Orçamento seguem para a Saúde Pública apenas

violência, como continuam pressionando ainda mais para tudo privatizar e esmagar algumas conquistas obtidas durante o governo Lula. Querem usurpar a vitória dos trabalhadores obtida com a eleição da presidente Dilma. P

Por isso, para fazer de São Paulo um estado partícipe e protagonista de

>> Continua na próxima página...

primeira linha do projeto de desenvolvimento que vai se firmando no Brasil, é preciso substituir e encerrar o ciclo do PSDB no comando estadual e varrer Alckmin do governo da cidade de São Paulo. O nosso principal desafio político é aglutinar e unir as forças comprometidas com o atendimento das reivindicações dos trabalhadores para eleger um governo que atenda essas reivindicações e abra caminho para a construção do socialismo.

**ESTAMOS COM A CUT  
POR UM PLANO DE LUTAS  
NACIONAL PARA GARANTIR  
OS DIREITOS!**

A Executiva Nacional da CUT declarou que no governo: *“persiste o discurso de solução para a crise baseada na política neoliberal que a gerou, buscando-se a redução da relação dívida/PIB com políticas recessivas e aperto fiscal, reduzindo a capacidade de planejamento e ação dos Estados. Na esteira da redução dos gastos públicos vem a pressão pelas reformas previdenciária e trabalhista para retirar direitos e desregular as relações de trabalho, com arrocho salarial e diminuição dos investimentos em políticas públicas”*.

A mesma declaração da Executiva da CUT diz ainda que: *“Crise econômica não se combate com ajuste fiscal (sem qualquer mudança da estrutura tributária regressiva e injusta), privilégios à especulação, recessão e criminalização dos salários”*. Mais adiante a mesma declaração afirma que: *“(…) na contramão, a política macroeconômica brasileira mantém as altas taxas de juros, o câmbio valorizado, com implementação de cortes nos gastos públicos e elevação do superávit primário. E tenta transformar o salário em vilão da inflação”*.

(...)

Nosso 7º Congresso está em total acordo com a Resolução da CUT de 2 e 3 de agosto que afirmava: “A CUT condena o mérito e o método do Plano Brasil Maior”: ‘A Direção Executiva

Nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), reunida em São Paulo nos dias 02 e 03 de agosto de 2011, manifesta sua posição política contrária à implementação do “Plano Brasil Maior”, anunciado pelo Governo Federal no dia 2 de agosto de 2011’.

Nossas experiências em lutas e em negociações salariais nos ensinaram que a única coisa que “convence” a patronal é a mobilização dos trabalhadores, as greves e sua organização. Nós aprendemos que os patrões querem salvar a pele deles: seus lucros. Nós queremos salvar nossos salários, empregos e direitos e estes são invariavelmente incompatíveis com qualquer interesse patronal. Por isso rejeitamos uma política de grupos e organismos com o intuito de colaboração de classes. O 7º Congresso dos Vidreiros rejeita a política das Câmaras Setoriais e

ou Comissões Tripartites. Trata-se agora de organizar e mobilizar para defender direitos, conquistas e reivindicações ameaçadas pelos anúncios do governo e pela classe patronal. Este é o caminho para vencer. Este é o caminho que trilharemos em nosso sindicato, para que juntos com a CUT construamos um Plano de Lutas para garantir nossas conquistas e avançar nos direitos. Os trabalhadores não pagarão pela crise que é dos patrões! O 7º Congresso dos Vidreiros se compromete a debater fraternalmente essa posição

“

**O 7º Congresso dos Vidreiros rejeita a política das Câmaras Setoriais e ou Comissões Tripartites. Vamos mobilizar para defender direitos, conquistas ...**

junto à CUT e ao movimento sindical.

Abertura dos arquivos da ditadura militar! Punição dos responsáveis pela ditadura, pela tortura e perseguição política. Apoio ao Comitê Paulista pela memória, verdade e justiça para lutar pela abertura imediata dos arquivos, apuração e punição dos crimes da ditadura e defesa da memória daqueles que lutaram e resistiram

à ditadura, além do cumprimento da sentença da Corte Internacional de Direitos Humanos.

Sindicato Vidreiros



Companheiro Galo defende a tese unitária (tese guia)



# Marx versus Keynes

Os marxistas já explicaram anteriormente que a atual crise econômica não é apenas uma parte de uma crise cíclica do crescimento e de recessão, mas uma crise orgânica do capitalismo, e que o crescimento econômico não pode ser gerado apenas pela vontade

## CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL

Em 1971, Richard Nixon, ex-presidente republicano dos EUA, disse: “Agora somos todos keynesianos”. Quarenta anos mais tarde, John Maynard Keynes parece ter entrado em voga, especialmente entre os líderes do movimento trabalhista britânico. As lideranças reformistas do Partido Trabalhista e dos sindicatos se agarram à ideia keynesiana de que a economia necessita apenas ser “estimulada” para voltar a crescer. Mas os marxistas já explicaram anteriormente que a atual crise econômica não é apenas uma parte de uma crise cíclica do crescimento e de recessão, mas uma crise orgânica do capitalismo e o crescimento econômico não pode ser gerado apenas pela vontade.

Na conferência do Partido Trabalhista em setembro de 2011, Ed Balls, o responsável pela economia, anunciou um novo “plano de cinco pontos para o crescimento”, que consiste de:

- Um imposto sobre os ganhos dos banqueiros.
- Fomentar planos de investimentos em longo prazo.

- Reverter os recentes aumentos no IVA.
- A redução temporária do IVA para reformas em moradias.
- Dar para as pequenas empresas que contratarem trabalhadores adicionais um ano de isenção no pagamento da previdência social.

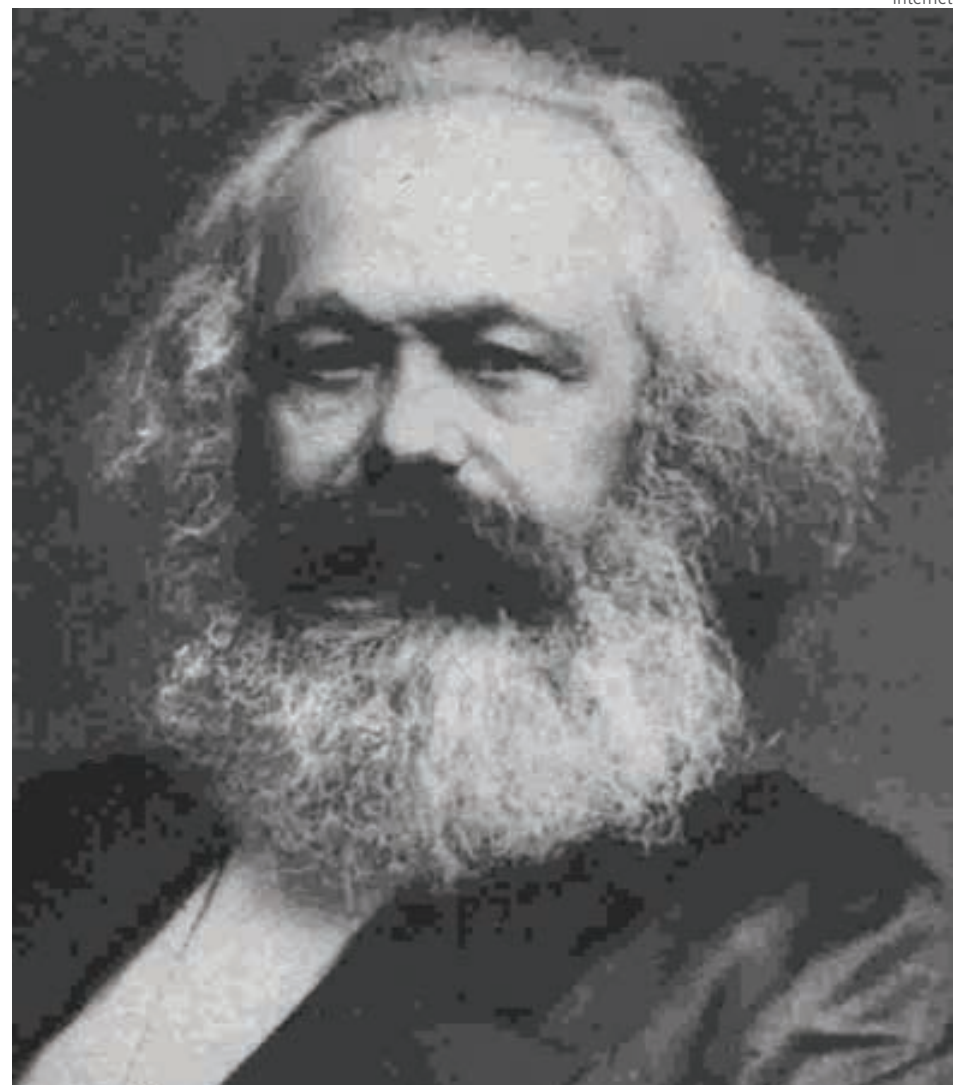
As medidas individuais de cortes sobre esse ou aquele imposto não têm muita importância. O que deve ser examinado, no entanto, é o que se fala sobre dar impulso nas “políticas de crescimento” - uma linha que está sempre presente nos discursos dos líderes do Partido Trabalhista e dos líderes sindicais. Esse discurso implica na conclusão de que os conservadores e outros governos burgueses estariam, então, contra o crescimento econômico!

É claro que qualquer economista se mostrará a favor do crescimento econômico, já que a vida é muito mais fácil para a classe dominante enquanto a torta está se tornando maior e quando algumas migalhas podem ser lançadas para as massas. O problema é que o crescimento sob o capitalismo não aparece simplesmente como se fosse um ato de retirar um coelho de uma cartola.

Para estes homens e mulheres ingênuos na direção do movimento operário, a solução para a crise econômica é simples: “o crescimento tem que ser estimulado”. Eles vêem a economia como um motor que parou e só necessita de uma faísca para pegar novamente. Mas o crescimento sob o capitalismo não pode ser gerado como o abrir e fechar de uma torneira. Se o crescimento pudesse ser criado à vontade, para começar não existiram as recessões!

## MOSTREM O DINHEIRO!

Keynes ficou famoso por sua defesa da intervenção do governo durante a Grande Depressão dos anos 1930, refletindo em líderes como Roosevelt nos EUA, que realizou o “New Deal” em resposta à crise. A ideia era simples:



Karl Marx

o desemprego era alto e estava agindo como um empecilho para a demanda. A “solução” foi dada com o governo injetando estímulos maciços na economia, iniciando grandes obras de infraestrutura e programas de construção, como a represa de Hoover. A teoria era que com a redução do desemprego, os trabalhadores ganhariam salários que poderiam ser gastos e com isso aumentaria a demanda. A necessidade de materiais e ferramentas nos programas de obras públicas também ajudou a preencher os livros de encomendas de muitas empresas privadas.

A realidade é que o New Deal não resolveu nada. A Grande Depressão durou até a eclosão da Segunda Guerra Mundial. No entanto, políticos e economistas de hoje, mais uma vez olham

para a ideia de um novo New Deal. O único problema é, sem dúvida, que os governos em todo o mundo ficaram sem dinheiro para estimular suas economias. Depois de ter socorrido bancos após bancos, a dívida soberana nos países capitalistas avançados já está muito alta para obter dinheiro dos mercados financeiros que estão nervosos.

Intervenção do governo para estimular a economia pode parecer algo simples, mas os governos não têm dinheiro próprio para gastar. Ao final das contas, o gasto público deve ser financiado por impostos ou por déficits ou endividamento. No entanto, os mercados de crédito estão preocupados com a capacidade dos governos de pagar

>> Continua na próxima página...

Internet



John Maynard Keynes

suas dívidas, esta é a razão pela qual a austeridade está sendo imposta sobre a população em um país após outro. Enquanto isso, qualquer imposto adicional deve ser obtido a partir dos trabalhadores ou das empresas. Mas os impostos adicionais sobre os trabalhadores atuam como cortes nos salários e, assim, se reduz a demanda, anulando a intenção original do estímulo do governo (estimular a demanda), enquanto o aumento dos impostos sobre as empresas reduzem os lucros, levando a uma “greve” de capital e a uma queda nos investimentos.

### MOSTREM O DINHEIRO!

Keynes ficou famoso por sua defesa da intervenção do governo durante a Grande Depressão dos anos 1930, refletindo em líderes como Roosevelt nos EUA, que realizou o “New Deal” em resposta à crise. A idéia era simples: o desemprego era alto e estava agindo como um empecilho para a demanda. A “solução” foi dada com o governo injetando estímulos maciços na economia, iniciando grandes obras de infraestrutura e programas de construção, como a represa de Hoover. A teoria era que com a redução do desemprego, os trabalhadores ganhariam salários que

poderiam ser gastos e com isso aumentaria a demanda. A necessidade de materiais e ferramentas nos programas de obras públicas também ajudou a preencher os livros de encomendas de muitas empresas privadas.

A realidade é que o New Deal não resolveu nada. A Grande Depressão durou até a eclosão da Segunda Guerra Mundial. No entanto, políticos e economistas de hoje, mais uma vez olham para a ideia de um novo New Deal. O único problema é, sem dúvida, que os governos em todo o mundo ficaram sem dinheiro para estimular suas economias. Depois de ter socorrido banco após banco, a dívida soberana nos países capitalistas avançados já está muito alta para obter dinheiro dos mercados financeiros que estão nervosos.

Intervenção do governo para estimular a economia pode parecer algo simples, mas os governos não têm dinheiro próprio para gastar. Ao final das contas, o gasto público deve ser financiado por impostos ou por déficits ou endividamento. No entanto, os mercados de crédito estão preocupados com a capacidade dos governos de pagar suas dívidas, esta é a razão pela qual a austeridade está sendo imposta sobre a população em um país após outro. Enquanto isso, qualquer imposto

adicional deve ser obtido a partir dos trabalhadores ou das empresas. Mas os impostos adicionais sobre os trabalhadores atuam como cortes nos salários e, assim, se reduz a demanda, anulando a intenção original do estímulo do governo (estimular a demanda), enquanto o aumento dos impostos sobre as empresas reduzem os lucros, levando a uma “greve” de capital e a uma queda nos investimentos.

### INVESTIMENTOS E SUPERPRODUÇÃO

Marx explicou que o investimento na produção pelos capitalistas é a força motriz do capitalismo. A concorrência entre capitalistas individuais obriga cada um a investir na produção em busca de maiores lucros. Ao investir em novas máquinas e processos de produção, um capitalista pode aumentar a produtividade da força de trabalho e, portanto, produzir uma massa de mercadorias com menos trabalhadores. Isso, por sua vez, permite que o capitalista reduza seus custos e seus preços abaixo dos oferecidos pelos concorrentes. Assim, um capitalista individual pode ganhar quotas no mercado e obter super lucros. Estes benefícios são na sua maior parte, reinvestidos na produção pelos capitalistas, o que aumenta a produtividade.

Marx também disse, no entanto, que existem contradições inerentes a esse processo, decorrentes do fato de que por um lado, os trabalhadores só recebem em forma de salários uma fração do valor que produzem, ou seja, a riqueza que eles criam; mas, por outro lado, estes salários em última análise, constituem o mercado, ou seja, a demanda efetiva para os produtos que estão produzindo. Isso nos leva ao que Marx chamou de “crise de superprodução”, na qual os capitalistas não podem vender seus produtos e realizar seus lucros. Sob o capitalismo, onde os meios

de produção são propriedade privada, a produção se dá com o objetivo de obter o lucro, portanto, quando o lucro não pode ser realizado, a produção será interrompida, empurrando milhões de trabalhadores ao desemprego.

Essa era a situação que o mundo enfrentava durante a Grande Depressão e esta é a mesma que a economia mundial enfrenta agora. Não foi o New Deal ou qualquer outra medida keynesiana quem retirou o mundo da depressão na década de 1930, senão que isso foi possível graças à grande destruição de capital durante a Segunda Guerra Mundial e a expansão do mercado mundial após o fim do conflito. Esses fatores, entre outros, são os que prepararam o caminho para a “era dourada” do capitalismo na década de 1950 e 60, quando a economia atingiu o seu crescimento mais rápido até então. Ted Grant explicou os fatores que permitiram o boom do pós-guerra em um livreto intitulado *Haverá uma recessão?:*

*“Quais são as razões básicas que explicam os acontecimentos na economia mundial durante o período após a Segunda Guerra Mundial?”*

“

### Marx explicou que o investimento na produção pelos capitalistas é a força motriz do capitalismo

*1. O fracasso político dos estalinistas e social-democratas na Grã-Bretanha e da Europa Ocidental, que criou um clima político favorável para a recuperação do capitalismo.*

*2. Os efeitos da guerra com a destruição de bens de consumo e de capital criaram um grande mercado (a guerra tem efeitos semelhantes, embora mais profundos na destruição de capital que uma recessão). Esses efeitos, de acordo com estatísticas da ONU, não desapareceram até 1958.*

*3. O Plano Marshall e outras ajudas econômicas destinadas à recuperação econômica da Europa Ocidental.*

*>> Continua na próxima página...*

4. O enorme aumento do investimento na indústria.

5. O surgimento de novas indústrias: plásticos, alumínio, aeroespacial, eletrônica, energia nuclear, química, fibras artificiais, borrachas sintéticas, metais leves, eletrodomésticos, gás natural, eletricidade, atividade de construção ...

6. As enormes quantidades de capital fictício criadas pelos gastos com armamentos que chegaram a 10 por cento da renda nacional na Grã-Bretanha e os Estados Unidos.

7. Os novos mercados para bens de capital nos países em desenvolvimento, fornecendo à burguesia local a oportunidade de desenvolver a indústria em uma escala nunca antes vista.

8. Todos esses fatores interagiram entre si. O aumento da demanda por matérias-primas, através do desenvolvimento da indústria nos países metropolitanos, por sua vez, influenciaram nos países em desenvolvimento e vice-versa.

9. O aumento do comércio entre os países capitalistas, especialmente em bens de capital e produtos de engenharia, devido ao aumento do investimento econômico, por sua vez age como um estímulo.

10. O papel da intervenção do Estado na promoção da atividade econômica.

Todos esses fatores explicam o aumento da produção desde a guerra. Mas o fator decisivo foi o aparecimento de novos sectores e ramos de produção, onde o investimento de capital é o principal motor da atividade econômica.” (Ted Grant em: Haverá uma recessão? 1960).

De modo similar, a economia mundial foi capaz de crescer durante os anos de 1980 e 90 devido a uma combinação de outros fatores: a expansão do mercado para a Rússia, Europa Oriental e China; a mão-de-obra mais barata nesses países, que foi colocada à disposição do capitalismo; a exploração adicional da classe trabalhadora nos países capitalistas avançados após a derrota do movimento operário e do fracasso dos sindicatos, bem como a

“

## A direção do movimento operário deve olhar para Marx e assumir o controle das alavancas fundamentais da economia

utilização de crédito para expandir o mercado artificialmente.

Estes períodos de crescimento se refletem na rentabilidade do mercado de ações, calculado pelo Credit Suisse e fornecido pelo The Economist, em um artigo sobre o rendimento sobre os ativos (The Economist, 15 de outubro de 2011). Entre 1949-1959, os rendimentos das bolsas de valores no mundo inteiro foram de 562%. Devido ao papel do Plano Marshall e os outros fatores listados por Ted Grant mencionados acima, as cifras da Alemanha e do Japão durante o mesmo período foram os 4094% e 1565%. Os rendimentos das bolsas mundiais foram de 255% em 1980-1989 e 114% em 1990-99. Curiosamente, The Economist não fornece números para 1931-1938 ou 1975-1979.

### A PROFUNDIDADE DA CRISE

Nada demonstra melhor a profundidade da atual crise que a falta total de investimentos de capital na economia produtiva. No mesmo artigo citado, The Economist aponta que os capitalistas não estão investindo, apesar das margens de lucro que estão “perto de seu nível mais elevado em 50 anos.” A razão para isso é excesso de capacidade, ou seja, a superprodução, que já existe dentro do sistema. Por que investir na produção real, quando há muito mais produtos do que se pode vender?

Há uma quantidade enorme de dinheiro no mundo, mas está concentrado nas mãos de poucos, mãos que se mostram reacionárias ao invés de

investir na produção. Vemos isso explicado no The Economist :

“Quase todas as classes de ativos parecem estar cheias de perigos. As ações sofreram dos mercados a baixa em pouco mais de uma década, e permanecem vulneráveis à recessão do mundo rico, os títulos do governo oferecem pouca proteção contra o ressurgimento da inflação, os produtos básicos são voláteis e reféns de um possível declínio da demanda chinesa, o setor imobiliário continua a sofrer de indigestão depois do boom da última década.”

Em vez de investir sua riqueza na produção, a burguesia está colocando seu dinheiro em atividade especulativa. Assim, vemos o aumento do preço do ouro e de outros metais preciosos, o franco suíço (levando o governo suíço a intervir ativamente para manter sua moeda baixa) e outras moedas, bem como produtos como os alimentos básicos e o petróleo. Esta especulação, por sua vez, contribui para a inflação.



Pátio de montadora abarrotado de carros

Em seu desespero, os governos foram forçados a uma política de impressão de dinheiro através da “quantitative easing”, flexibilização quantitativa. Eles estão jogando dinheiro para o capitalista, implorando para que invistam na produção real, criem empregos e façam a economia crescer novamente. Aos capitalistas, contudo, não se pode forçá-los a investir sua riqueza. Sob o capitalismo, o investimento é realiza-

do para se buscar os lucros. Se não há perspectiva de obtê-los, o investimento na produção real se interrompe.

### A NECESSIDADE DO SOCIALISMO

A senilidade do capitalismo e a natureza orgânica da atual crise - uma crise de superprodução - estão adequadamente demonstradas pela falta de investimento que agora se observa na economia. Além disso, pode-se perceber a necessidade objetiva do socialismo, ou seja, a necessidade de investir as enormes quantidades de riqueza na sociedade, para atender às necessidades do povo, e não para a obtenção do lucro.

Em vez de olhar para Keynes e tentar “estimular o crescimento” da economia, a direção do movimento operário deve olhar para Marx e assumir o controle das alavancas fundamentais da economia. Concretamente, isso significa a nacionalização de bancos e

Internet

grandes monopólios - sem um centavo de compensação para os capitalistas - e usar esses recursos para investir no que a sociedade, de forma democrática, decida que necessita.

Sob o capitalismo, o potencial produtivo da sociedade é limitado por duas grandes contradições: a propriedade privada dos meios de produção e o estado nacional. Sob o socialismo, no entanto, o céu é o único limite.

# Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado

V. I. Lenine  
4 (17) de Janeiro de 1918

A Grande Revolução Russa de outubro de 1917 levou a que, no mês de janeiro de 1918, a Assembleia Constituinte proclama a República dos Soviets. Nascia assim a Federação das Repúblicas Soviéticas, reconhecendo os Soviets como órgãos plenos do novo poder que nascia e formava-se legalmente o Exército Vermelho, constituído por operários e camponeses, e estabelece o controle operário sobre toda a economia



Exército Vermelho: operários e camponeses em armas

## A ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE DECRETA:

### I

1) Fica proclamada na Rússia a República dos Soviets de deputados operários, soldados e camponeses. Todo o Poder, tanto na capital como nas províncias, pertence a estes Soviets.

2) A República Soviética da Rússia é organizada, sobre a base da união voluntária de nações livres, como Federação de Repúblicas Soviéticas Nacionais.

### II

Tendo-se determinado como missão essencial abolir toda a exploração do homem pelo homem, suprimir por completo a divisão da sociedade em classes, esmagar de modo implacável

a resistência dos exploradores, estabelecer a organização socialista da sociedade e alcançar a vitória do socialismo em todos os países, a Assembleia Constituinte, decreta, também:

1) Fica abolida a propriedade privada da terra. Declara-se patrimônio de todo o povo trabalhador toda a terra, com todos os edifícios, o gado de trabalho, as ferramentas e demais acessórios agrícolas.

2) Se ratifica a lei soviética sobre o controle operário e o Conselho Superior de Economia Nacional, com o objetivo de assegurar o Poder do povo trabalhador sobre os exploradores e como primeira medida para que as fábricas, minas, ferrovias e demais meios de produção e de transporte passem por inteiro a ser propriedade do Estado operário e camponês.

3) Se ratifica a passagem de todos os bancos para a propriedade do Estado operário e camponês, como uma das condições da emancipação das massas trabalhadoras do jugo do capital.

4) Fica estabelecido o trabalho obrigatório para todos, com o fim de eliminar as camadas parasitas da sociedade.

5) Se decreta o armamento dos trabalhadores, a formação de um Exército Vermelho socialista de operários e camponeses e o desarmamento completo das classes proprietárias, com o objetivo de assegurar a plenitude do Poder das massas trabalhadoras e eliminar toda a possibilidade de restauração do Poder dos exploradores.

### III

1) Ao expressar sua determinação inquebrantável de arrancar a huma-

nidade das garras do capital financeiro e do imperialismo, que inundaram a terra de sangue na guerra atual, a mais criminosa de todas, a Assembléia Constituinte se solidariza totalmente com a política aplicada pelo Poder dos Soviets, consistente em romper os tratados secretos, em organizar a mais extensa confraternização com os operários e camponeses dos exércitos atualmente em guerra e em obter, custe o que custar, por meio de procedimentos revolucionários, uma paz democrática entre os povos, sem anexações nem contribuições, sobre a base da livre autodeterminação das nações.

2) Com o mesmo fim, a Assembléia Constituinte insiste na completa ruptura com a bárbara política da civilização

>> Continua na próxima página...

## NOTAS

**(1)** A “Declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado” de 3 (16) de janeiro de 1918 foi apresentada por Lênin a uma reunião do Comitê Executivo Central de toda a Rússia, que a aprovou por unanimidade com algumas modificações. Em 4 (17) de janeiro de 1918, a Declaração foi publicada no número 2 do Pravda. No dia seguinte, a minoria bolchevista a submeteu a discussão na Assembléia Constituinte em nome do Poder soviético. Porém a Assembléia Constituinte contra-revolucionária negou-se a discuti-la, após o que a minoria bolchevista abandonou a Assembléia. Em 12 (25) de janeiro de 1918, a Declaração foi ratificada pelo III Congresso dos Sovietes de toda a Rússia, sendo, mais tarde, incluída na Constituição da RSFSR.

**(2)** Em 6 (19) de dezembro de 1917, a Assembléia finlandesa aprovou a declaração proclamando a Finlândia um Estado independente. Em 18 (31) do mesmo mês, o chefe do Governo da Finlândia, Svinhufvud, pediu ao Presidente do Conselho de Comissários do Povo, V. Lênin, que fosse reconhecida a independência da Finlândia. Nesse mesmo dia, o Governo soviético atendeu a petição do Governo finlandês e reconheceu, antes de qualquer outro Governo, a independência da Finlândia. O Comitê Executivo Central de toda a Rússia ratificou a decisão do Conselho de Comissários do Povo, aprovando em 22 de dezembro de 1917 (4 de janeiro de 1918) a “Declaração do Governo revolucionário sobre o reconhecimento da independência da Finlândia”.

**(3)** O Governo soviético propôs ao Governo Persa, na segunda quinzena de dezembro de 1917, elaborar um plano comum de retirada das tropas russas da Pérsia. Em março de 1918, as tropas russas foram retiradas totalmente da Pérsia.

**(4)** O Decreto “Sobre a Armênia Turca” foi discutido na reunião do Conselho de Comissários do Povo, celebrada em 23 de dezembro de 1917 (5 de janeiro de 1918) e aprovado pelo referido organismo em 29 de dezembro de 1917 (11 de janeiro de 1918). O decreto se publicou no número 227 do Pravda, correspondente a 31 de dezembro de 1917 (13 de janeiro de 1918). Foi concedido à população da “Armênia Turca” ocupada pelas tropas russas no transcurso da primeira guerra mundial, o direito de livre autodeterminação, chegando inclusive à independência completa. Em fevereiro de 1918, as tropas turcas se apoderaram novamente da “Armênia Turca”, privando sua população da possibilidade de exercer seu direito à independência.

burguesa, que fundamentava a prosperidade dos exploradores de umas poucas nações predestinadas sobre a escravidão de centenas de milhões de trabalhadores na Ásia, nas colônias em geral e nos pequenos países. A Assembléia Constituinte saúda a política do Conselho de Comissários do Povo, que proclamou a completa independência da Finlândia, que começou a retirar as tropas da Pérsia e declarou a liberdade de autodeterminação da Armênia.

3) A Assembléia Constituinte considera a lei soviética da anulação dos empréstimos contraídos pelos governos dos tzares, dos proprietários de terra e da burguesia como um primeiro golpe desferido no capital bancário, financeiro internacional e expressa sua confiança de que o Poder dos Sovietes seguirá firmemente este caminho, até a completa vitória da rebelião operária internacional contra o jugo do capital.

#### IV

Eleita, com base nas candidaturas dos partidos organizadas antes da Revolução de Outubro, quando o povo não podia ainda rebelar-se, em sua totalidade, contra os exploradores, nem conhecia toda a força de resistência dos mesmos na defesa de seus privilégios de classe, nem havia abordado na prática a criação da sociedade socialista, a Assembléia Constituinte consideraria profundamente errado, inclusive do ponto de vista formal, contrapor-se ao Poder dos Sovietes.

De fato, a Assembléia Constituinte considera que hoje, no momento da luta final do povo contra seus exploradores, não pode haver lugar para estes últimos em nenhum dos órgãos de Poder. O Poder deve pertencer total e exclusivamente às massas trabalhadoras e seus representantes plenipotenciários, os Sovietes de deputados operários, soldados e camponeses.

Ao apoiar o Poder dos Sovietes e os decretos do Conselho de Comissários do Povo, a Assembléia Constituinte considera que suas funções não vão além de estabelecer as bases fundamentais da transformação socialista da sociedade.

Ao mesmo tempo, em seu propósito de criar uma aliança efetivamente livre e voluntária e por consequência, mais estreita e duradoura entre as classes trabalhadoras de todas as nações da Rússia, a Assembléia Constituinte limita sua missão a criar as bases fundamentais da Federação de Repúblicas Soviéticas da Rússia, deixando, aos operários e camponeses de cada nação, a liberdade de decidir, com toda independência, em seu próprio Congresso de Sovietes investido de plenos poderes, se desejam, e em que condições, participarem do governo federal e das demais instituições federais soviéticas.

**3 (16) de janeiro de 1918.**



Lênin discursa aos trabalhadores

Internet

# A educação e o governo Raimundo Colombo em Santa Catarina no ano de 2011

Maritânia Camargo  
maritaniacamargo@ig.com.br

**Em Santa Catarina, após a greve realizada, o governador continua atacando os servidores através do descumprimento do acordo de greve. Continua dificultando a reposição das aulas e o encerramento do calendário escolar**

## QUE VENHA 2012!

O Sinte - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina realizou em 2011 a maior greve da história desta categoria. Foram 62 dias de paralisação em todo o estado. O que motivou a greve foi, fundamentalmente, o não pagamento do Piso Nacional do Magistério.

Os trabalhadores em educação passaram praticamente a última década como um dos mais mal remunerados de todo país, ainda que Santa Catarina seja um dos estados mais ricos da federação.

Após a sanção da Lei do Piso Nacional em 2008, o então governador Luiz Henrique da Silveira-PMDB, entrou com uma ADIM, junto com outros quatro governadores, para derrubar a Lei do Piso. Um ato criminoso contra a educação nacional e contra os serviços públicos de todo o país. Ainda depois de em abril deste ano o Supremo ratificar a Lei do Piso, o governador Raimundo Colombo-PSD, continuava ignorando a lei, o que levou à greve de 62 dias, ocorrida entre os dias 18 de maio e 18 de julho.

O governo, durante a greve, fez todas as manobras possíveis e imagináveis para dividir os servidores. Desmontou o Plano de Cargos e Salários do magistério, propondo um achatamento total da tabela salarial, numa tentativa vergonhosa de colocar os recém chegados ao serviço público contra os servidores mais antigos. A categoria seguiu firme, intensificou a greve e saiu dela fortalecida. Não obteve uma grande vitória, mas, sem nenhuma dúvida, mostrou ao governador que os trabalhadores em educação sabem quem são e conhecem seu poder de mobilização. Houve um pequeno avanço na aplicação da Lei do Piso, mas sofreram o desmonte parcial do Plano de Cargos e Salários, depois de 62 dias de intensas mobilizações.

Após a greve o governador continuou atacando os servidores através do descumprimento do acordo de greve. Continua dificultando a reposição das aulas e o encerramento do calendário escolar. Anunciou que descumprirá a promessa de tirar, por completo, da ficha funcional os dias da greve de 2008 e de outras mobilizações realizadas pelo sindicato, prejudicando assim as licenças prêmio. As escolas se torna-

“

**O governador conhece a Lei do Piso e continua desrespeitando-a, sabe que o mínimo que ele deve aplicar é 16,8% para 2012, tal qual foi acordado no final da greve**

ram um campo fértil de assédio moral e de completo abandono, por parte do Estado, de toda a infra-estrutura básica para desenvolver uma educação pública. Encerrar-se-á o ano com as escolas literalmente caindo, algumas fechadas pela vigilância sanitária.

Para 2012 o governo precisa atualizar o piso do magistério. O que está previsto é

um aumento no salário base de 16,8%. No último dia 19 de novembro o Governador, Raimundo Colombo-PSD, numa tentativa de evitar novas greves em 2012, anunciou com “pompas e fogos” que enviará à Assembleia Legislativa um projeto de lei que unifica a data-base dos servidores públicos para janeiro. De fato, é uma reivindicação antiga dos servidores estaduais de que as negociações sejam unificadas, mas unificar as negociações não significa ignorar as especificidades de cada categoria e muito menos que a data será janeiro, mês de recesso da educação.

Depois de décadas de descompasso entre os servidores, é impossível aceitar que o governador, arbitrariamente, diga que todos terão 8% em 2012, em duas vezes, janeiro e maio. O governador conhece a Lei do Piso e continua desrespeitando-a, sabe que o mínimo que ele deve aplicar é 16,8% para 2012, tal qual foi acordado no final da greve. Os acordos acontecem para serem cumpridos, Sr. Governador. Que venha 2012. Continuaremos nossa história de luta.

\* Maritânia é professora e militante da EM



Passeata dos professores realizada durante a greve



A combatividade em defesa do Piso do Magistério

# Antropofagia: a arte como pensamento revolucionário

Mario Conte

mariocontef@gmail.com

O manifesto antropofágico, escrito por Oswald de Andrade em colaboração com Mário de Andrade e Raul Bopp em 1928, foi o marco inicial de uma nova poética artística, a Antropofagia. Nela buscou-se fundar uma escola artística brasileira que fugisse da mera reprodução de modelos importados, sem afundar em chauvinismo que negasse o diálogo com o que havia de relevante na produção cultural do resto do mundo e sem abdicar de uma crítica social e política.

Mais do que uma arte nacional ou regional, a Antropofagia propunha-se a uma universalidade internacionalista, a fundir as riquezas culturais, brasileira e do resto do mundo, na produção de uma obra nova e singular. O nome foi adotado em referência aos antigos rituais indígenas onde os mais valorosos guerreiros capturados eram literalmente devorados pela tribo vencedora, na pretensão de assimilar suas melhores qualidades, devorando-os. Assimilar as melhores qualidades de toda a arte, mesmo aquela produzida pela classe inimiga, era a sua pretensão.

A Antropofagia desafiava outras correntes vindas do modernismo brasileiro, como o nacionalismo metafísico de Graça Aranha e o nacionalismo prático verde-amarelo do grupo Anta, de Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado (o fundador da Ação Integralista Brasileira, o movimento nacionalista, anticomunista e antiliberal, sob o lema “Deus, pátria e família”).

Ela surge em resposta às antas, contra seu chauvinismo nacionalista, que não colocava recorte de classe ao propor-se a expropriar na arte a riqueza cultural popular brasileira

para os artistas burgueses, através da chamada propriedade intelectual.

Oswald radicaliza seu giro à esquerda a partir da crise de 29 e suas conseqüências materiais à economia do estado paulista produtor de café. Uniu-se com Patrícia Galvão (Pagu) em 1930 e com ela editou o jornal “O Homem do Povo”, do PC, onde engajou-se a partir de 1931, após encontro com Luis Carlos Prestes em Montevideú.

No prefácio de seu livro “Serfim Ponte Grande”, de 1933, declarou ter sido palhaço da burguesia, com Emílio de Menezes e Blaise

vezes difícil, citava o compositor austríaco Arnold Schönberg: “a massa ainda vai consumir o biscoito fino que eu fabrico”, entendendo que o problema não é o conteúdo mais ou menos explícito e objetivo da arte para torná-la mais didática ou acessível, mas a apropriação das riquezas culturais, tanto quanto das riquezas materiais, na sociedade capitalista.

Na sociedade capitalista, tudo que é produzido como obra social pela colaboração de muitos é sempre expropriado por poucos indivíduos, que mantém esse estado de coisas seja pela coerção ideológica



Oswald de Andrade

Cendras, ao passar pela experiência de vanguarda por conta de uma inquietude pouco clara, onde ignorava a origem social e o fundo político dessas inquietações. Nem por isso rendeu-se ao panfletarismo fácil e infantil do dirigismo dos PCs aos artistas, essa verdadeira burocracia reivindicando-se arte que foi o “realismo socialista”.

Autor de obra considerada por

em momentos de paz social, seja pela violência física franca e aberta, nos momentos do acirramento da luta de classes. A recusa em rebaixar a própria arte é o entendimento que o rebaixamento das condições materiais dos trabalhadores e de sua educação e cultura é interesse da classe dominante, não da classe trabalhadora. Reduzir sua criação artística pensando produzir para os

trabalhadores é uma arrogância intelectual de quem não entende que os potenciais humanos mais elevados não se realizam por incapacidade nessa sociedade, mas pelas condições materiais dadas.

Romperia com Pagu, na vida comum como na política: ela se aproximaria de Mario Pedrosa e realizaria a crítica da burocratização e degeneração do estado operário soviético. Oswald realizaria a crítica a essa degeneração na tese “A Crise da Filosofia Messiânica”, em 1950, sem reconhecer a teoria do socialismo em um só país como um prognóstico messiânico e idealista, não marxista, sem base material real que conduziria, como de fato conduziu a U.R.S.S. à ‘restauração capitalista’ caso não houvesse uma reorientação internacionalista da revolução.

Limitou sua crítica à necessidade de maior democracia interna, coerente, mas insuficiente. Porque a evolução crescente e permanente das conquistas revolucionárias, dependerá sempre da construção internacional com laços que permitam que as economias deixem de produzir lucros para uma classe parasitária, mas sejam reorientadas no interesse e necessidades sociais do conjunto da humanidade.

Nesse momento histórico de convulsão social e econômica e vagas revolucionárias pelo mundo, lembramos que não é a arte, mas os seres humanos concretos que intervem na história e a modificam. Nem por isso a arte, riqueza material e imaterial da humanidade, deve ser menosprezada. Sua apropriação realmente democrática, na fruição ou na produção, é uma tarefa que apenas a revolução socialista poderá colocar na ordem do dia.

\* Mário é músico e militante da EM



## Carta de apelo dos camaradas gregos

Marxistiki Foni

Aos camaradas e companheiros da Juventude Marxista e Jornal Luta de Classes e trabalhadores do Brasil

O movimento dos trabalhadores e da juventude da Grécia vem travando nos últimos dois anos uma batalha heróica, liderando 15 greves gerais e dúzias de outras greves em muitos locais de trabalho, comícios de massa e manifestações; ocupando escolas, universidades, instalações industriais e prédios governamentais, contra o ataque sem precedentes da classe dominante e do imperialismo internacional, que visa transferir a sobrecarga da profunda crise do capitalismo grego e europeu aos ombros da classe trabalhadora e dos pobres.

Este ataque é o exemplo mais extremo do ataque generalizado contra a classe trabalhadora mundial pelos capitalistas e que se deve à profunda crise de seu sistema, que está se aprofundando rapidamente por toda parte. Para enfrentar este assalto, o movimento internacional dos trabalhadores conta com a poderosa arma da solidariedade. A vitória da classe trabalhadora em países onde ela se encontra determinada a uma luta revolucionária contra o capitalismo, como a Grécia, é vital para os trabalhadores e jovens de todo o mundo.

Os marxistas gregos que militam no partido de “Synaspismos” [Aliança], e que publicam a revista “Marxistiki Foni” [Voz Marxista] e o periódico “Epanastasi” [Revolução], encontram-se na linha de frente lutando pela unidade de todas as organizações de massa da classe trabalhadora para destruir o apodrecido capitalismo grego e para iniciar a transformação socialista da Grécia e da Europa, como um passo em direção aos estados unidos socialistas de todo o mundo.

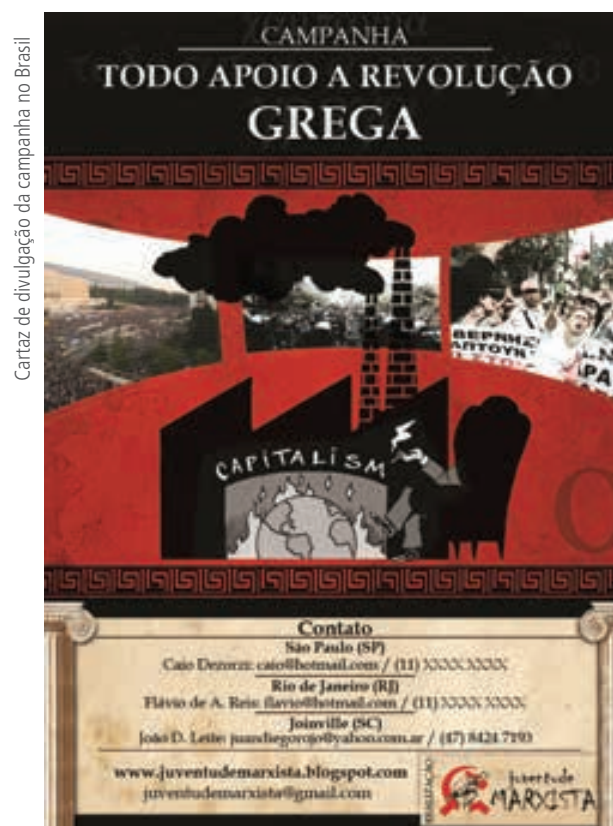
A solidariedade política, econômica e social dos lutadores mais conscientes do movimento dos trabalhadores do mundo com nossa luta aqui na Grécia é vital. Dessa forma, calorosamente damos as boas-vindas à iniciativa dos camaradas brasileiros da “Juventude Marxista” e do jornal “Luta de Classes” (Órgão da Esquerda Marxista) por realizarem uma campanha específica de solidariedade com nossa luta.

**Longa vida ao internacionalismo proletário!**

**Trabalhadores e jovens todos unidos na luta comum pela erradicação da escravidão capitalista da Grécia ao Brasil e pela vitória do socialismo em todo o mundo!**

## NÓS APOIAMOS A REVOLUÇÃO GREGA

Juventude Marxista



Cartaz de divulgação da campanha no Brasil

*A Juventude Marxista, organização de juventude da Esquerda Marxista, o Jornal Luta de Classes, saúdam os camaradas marxistas gregos, e em atenção ao seu apelo, organizam no Brasil uma campanha em defesa da revolução na Grécia*

O plano de austeridade grego é um verdadeiro ataque aos direitos da classe trabalhadora e da juventude daquele país. A crise do sistema capitalista tem sido paga na Grécia, como em qualquer lugar, pelos trabalhadores e jovens. A burguesia grega aumentou os impostos, cortou funcionários públicos, reduziu salários e benefícios previdenciários. Tudo a pedido dos banqueiros e capitalistas da União Européia.

O governo de unidade nacional, formado recentemente, chefiado por Lucas Papademos, tem como papel garantir os interesses da burguesia. A perspectiva é que os ataques aos direitos dos trabalhadores e da juventude continuem e se aprofundem.

A Juventude Marxista junto com os militantes marxistas gregos que organizam o jornal, Marxistiki Foni, irá organizar uma campanha de debates nas universidades e escolas, sobre a crise grega e sua relação com a luta dos trabalhadores e jovens no mundo.

A necessidade dessa campanha ganha força, principalmente devido ao aprofundamento da crise do capitalismo. A austeridade praticada na Grécia também é discutida no Brasil. Para nós a solução para a crise é a luta pelo socialismo na Grécia, no Brasil e no mundo.

Para participar da campanha entre contato conosco: juventudemarxista@gmail.com